



Coleção
Raízes do Futuro

05

COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA VISTA

DIOGO DE VASCONCELOS - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Jurandir Jorge Teixeira, Laura Maria, Maria das Graças da Cunha, Maria de Fátima Cunha Silva, Maria do Perpétuo Socorro Barbosa, Maria Terezinha da Silva Teixeira.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 300 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

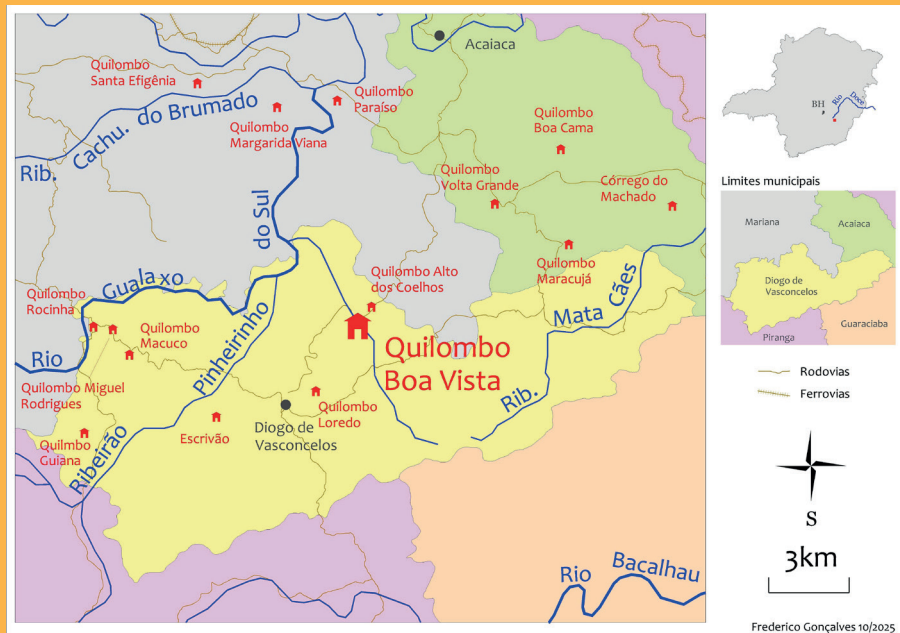
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA VISTA

DIOGO DE VASCONCELOS - MG

Localização da Comunidade

A Comunidade Boa Vista está localizada a 6 km da sede do município de Diogo Vasconcelos, na região central de Minas Gerais. Ela é formada por aproximadamente 72 famílias. Entre os sobrenomes mais frequentes estão Coelho, Barbosa, Gomes, Cunha e Teixeira. Não se sabe ao certo como a comunidade surgiu, mas sabe-se que historicamente ela é composta por famílias negras e brancas, sendo atualmente cerca de 80% da população negra. No passado, seus integrantes viviam em condições de pobreza e dependiam do trabalho em fazendas e em cidades vizinhas para o sustento.



História

Nas memórias mais antigas, recorda-se de Francisco Américo de Souza, apelido Chico Américo, que faleceu em 1987. Homem simples, humilde e honesto, foi casado com D. Maria Joana, com quem teve seis filhos. A família nunca possuiu terra própria, vivendo em áreas de fazendeiros. Chico Américo trabalhou como lavrador em serviços braçais.

Um episódio marcante na história da família foi a morte do bebê José Maria, de apenas 1 ano e 6 meses, que faleceu afogado em uma pequena bica d'água. O sofrimento desta perda ficou registrado na memória da comunidade.

Os moradores mais antigos relatam que a maioria da população local, em busca de sustento para suas famílias, atuava na fazenda de Dante Sampaio, que oferecia diferentes tipos de trabalho. Ele era conhecido como um homem rude, poderoso e respeitado, impondo trabalhos braçais e até situações de exploração aos trabalhadores. Apesar disso, por ser uma terra fértil e com grande produção, muitas famílias migravam para a fazenda para trabalhar, garantindo alimento e levando as sobras para os filhos.

Os relatos também destacam a situação precária da saúde, já que não havia atendimento adequado. O recurso mais utilizado eram as plantas medicinais cultivadas nas hortas, usadas principalmente na forma de chás, para tratar dores, resfriados e outras doenças.

Antigamente, a região de Boa Vista era marcada pela presença de diversas fazendas, das quais restam apenas a Barro Branco e a Boa Vista. Havia plantações de milho, café e produção de leite. Para o lazer, ocorriam jogos de baralho, danças e festas juninas. A religião predominante era a católica, mas existiam também terreiros. A fé católica se manifestava em celebrações como o Natal e a Semana Santa. A vida social era marcada por rezas em novenários, bailes e encontros entre vizinhos.

Um dos marcos importantes na história da comunidade foi a criação da sua primeira escola, no ano de 1950. As primeiras professoras foram Faustina Vicência, Anita Gomes, Maria da Silva (conhecida como D. Tita) e D. Lourdes, todas pertencentes à própria comunidade. Com o passar dos anos, o local sofreu modificações e adaptações, até que em 1983 foi construída a Escola Municipal Santa Rita de Cássia, instituição que permanece em funcionamento até o momento desta pesquisa (2024).



■ Escola Municipal Santa Rita de Cássia

O levantamento de documentos antigos permite buscar a memória de moradores que foram importantes na formação e no fortalecimento da identidade coletiva da comunidade. Entre esses registros, destaca-se a trajetória de Carlindo Serafim, filho de José Tomaz do Espírito Santo e Francisca Gregória. Nascido em 12 de dezembro de 1912 e falecido em 22 de agosto de 1989, ao longo da vida trabalhou como lavrador e exerceu também a função de pedreiro, em São Paulo, atividades que garantiram o sustento de sua família. A esposa de Carlindo, Dona Efigênia Nepomuceno, foi benzedeira de

vários tipos de benção, e deixou um grande legado. Ela nasceu em 2 de junho de 1923 e faleceu em 16 de fevereiro de 2016. A memória de ambos permanece registrada por meio de documentos como a certidão de batismo e a carteira de trabalho, que testemunham sua existência e contribuição para a comunidade.



■ Dona Efigênia Nepomuceno

Outro nome importante é o de Geraldo Francisco Teixeira, conhecido como Geraldo Polino. Filho de Paulino Teixeira e Rosalina de Faria Teixeira, nasceu em 4 de junho de 1915 e faleceu em 3 de junho de 2012, vivendo há quase um século na comunidade Boa Vista. Dedicou-se integralmente ao trabalho local, sendo lembrado como homem simples e trabalhador. Sua trajetória é preservada por documentos como a certidão de batismo, a certidão de óbito e o título de eleitor, que marcam sua presença ativa tanto na vida comunitária quanto nos

registros civis oficiais.

Também merece destaque a vida de Ana Silvestre de Faria, filha de Jorge Fabiano de Faria e Alzira de Faria. Nascida em 26 de dezembro de 1926, viveu até 26 de maio de 2018, deixando lembranças marcantes para aqueles que conviveram com ela. Seus registros em certidão de batismo e de óbito garantem que sua história não se perca e podem servir de testemunho às futuras gerações sobre a importância das mulheres na sustentação das famílias e da comunidade. Além dela, existem os documentos de Francisco Izabel Coelho e de Izabel de Paula Gomes, que foram descendentes de indígenas e moradores da comunidade durante toda a vida. Dona Izabel faleceu aos 100 anos, fato que pode ser comprovado por certidões existentes.



■ Isabel de Paula Gomes e Manoela Ilária.

O senhor Orozino, que viveu mais de 100 anos na comunidade do Loredo e que já é falecido, contava que o nome “Boa Vista” surgiu porque as pessoas diziam que era um lugar vis- toso, onde se via bem a olho nu. Assim nasceu o nome da co- munidade. A antiga Boa Vista de Baixo é hoje a comunidade do Loredo.

■ Mapa simbólico da comunidade quilombola de Boa Vista.



Boa Vista é uma comunidade rural, com acesso por estrada de chão batido. As casas, construídas em alvenaria, ficam um pouco distantes umas das outras. O local conta com a Capela de Santa Rita de Cássia, padroeira da comunidade, um bar, um campo de futebol e uma quadra. Não possui unidade de saúde, sendo necessário recorrer à comunidade vizinha para esse tipo de atendimento.

A relação da comunidade com a natureza é um ponto importante. Houve algumas alterações provocadas pela ação humana, como o cultivo de eucalipto e a formação de pastagens para o gado, que modificaram parte da paisagem original. Ainda assim, muitos elementos naturais são utilizados de forma prática e cotidiana, como a lenha para cozinhar, os bambus e madeiras empregados em cercas e pequenas construções, a exemplo de paióis e galinheiros. O manejo das áreas verdes é feito de forma simples: as matas nativas são deixadas crescer naturalmente, enquanto os quintais familiares são cuidados com enxadas e foices, garantindo a produção de hortas, cultivo de mandioca, inhame e frutas.



■ Atividade sobre Território apresentada no Projeto Raízes do Futuro.

Apesar de hoje a reprodução desses modos de vida ser menos intensa, em razão da aposentadoria dos mais velhos e da busca dos jovens por oportunidades fora da comunidade, os elementos naturais ainda mantêm grande importância.



- Antiga fazenda Barro Branco do senhor José Diogo e D. Maria, hoje quem gerencia a fazenda é o filho, Sr. Francisco.

A vida econômica da comunidade esteve tradicionalmente ligada ao trabalho agrícola. As famílias trabalhavam principalmente nas terras de fazendeiros, em regime de dependência, cultivando milho, feijão e arroz para o próprio consumo e, em menor escala, para comercialização.

Os moradores dependem de outras localidades, como Diogo Vasconcelos, Mariana, Ponte Nova, para adquirirem produtos e serviços como alimentos básicos (arroz, sal, óleo, macarrão), roupas, materiais de construção, energia, internet, bebidas alcoólicas, gás, gasolina, transporte por táxi ou Uber, além do atendimento de vendedores ambulantes, entre outros. Em contrapartida, a comunidade produz e comercializa para as cidades vizinhas, como Diogo Vasconcelos e Mariana, carvão, leite, verduras, mel, ovos, doces, salgados, artesanatos, quitandas, queijos, legumes, milho e feijão, além de ofertar mão de obra.



■ Fazenda dos Pinheiros em Boa Vista.

Hoje a economia da comunidade de Boa Vista se baseia principalmente na agricultura familiar e na pecuária. Existem três fazendeiros que produzem leite, além de moradores que trabalham como retireiros. Algumas famílias também complementam a renda com a venda de frutas, verduras, ovos e outros produtos. Parte da população vive de aposentadorias, de programas sociais ou trabalha em firmas terceirizadas da Vale. As plantações, em sua maioria, são cultivadas em pequenas chácaras ou nos quintais dos proprietários, e são voltadas principalmente para o consumo da própria família.



■ Apresentação do Diagrama de Fluxo, atividade desenvolvida no Projeto Raízes do Futuro.

A religiosidade é predominantemente católica e encontra na Capela de Santa Rita de Cássia o lugar de fé, oração e encontro. Lá, ainda hoje, é o local onde se realizam celebrações e festas religiosas. Já em relação ao lazer, o campo de futebol e a quadra de atividades físicas se tornaram pontos de encontro da juventude e de integração das famílias, recebendo festas juninas, jogos, eventos escolares e a tradicional festa das crianças.



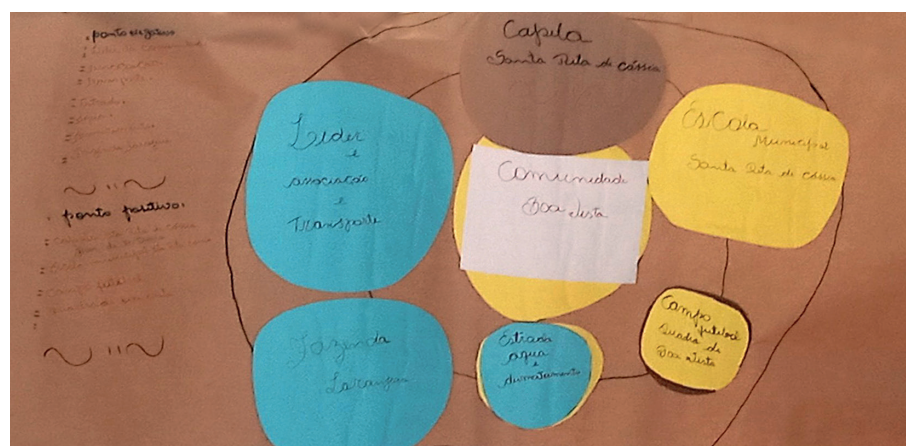
■ Celebração na Capela de Santa Rita

É importante destacar a dinâmica da comunidade ao longo de todo o ano, como as celebrações na capela aos domingos. Em janeiro, há as férias escolares, a época do milho - quando se soltam as espigas, além do tempo de manga, da visita dos parentes e do tríduo na capela em honra a São Sebastião. Em fevereiro, é o período de preparar a terra para o feijão, a volta às aulas e a colheita de goiaba, quiabo, pepino e manga,

além do início das visitas da padroeira. Março é marcado pelo plantio do feijão, o cultivo de hortaliças e o tempo da Quaresma. Em abril acontece a colheita do milho, o plantio da safrinha, a bateção dos pastos para os animais e a celebração da Semana Santa.

No mês de maio há a colheita do milho, o cultivo de carvão, o torneio de truco, a época da laranja, dos jogos de futebol e da festa da padroeira, com novenas e leilões. Junho traz a colheita de laranja e café em outras localidades e as festas juninas. Já em julho, no período das férias escolares, acontece a cavalgada, além da colheita de feijão, mandioca e cana-de-açúcar. Agosto é o mês da festa do padroeiro São Domingos, da cavalgada e do campeonato de truco.

Em setembro inicia-se a preparação da terra para o plantio do milho e de outras culturas. Outubro é tempo de festas das crianças e do plantio de milho. Em novembro, com o período das chuvas, é preciso cuidar das roças e plantações. Por fim, em dezembro, há a preparação para o Natal, as reuniões de famílias e o tempo de férias.

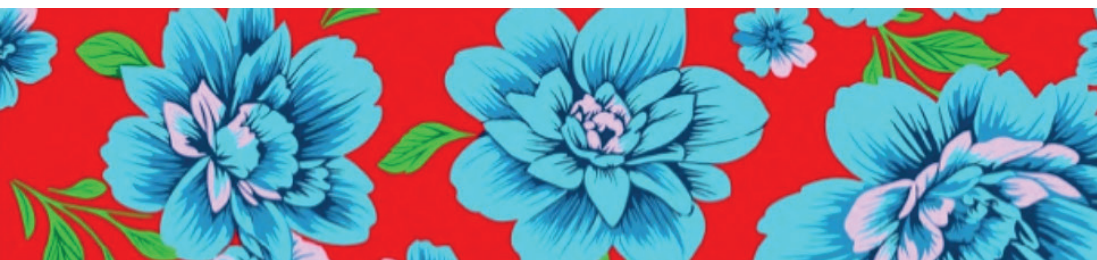


■ Diagrama de Venn, atividade desenvolvida e apresentada durante o Projeto Raízes do Futuro.

A comunidade tem se mobilizado para discutir melhorias locais e para fortalecer sua organização. Entre as pautas, destaca-se a discussão sobre a autodefinição como comunidade quilombola, um passo importante para o reconhecimento da história, da ancestralidade e dos direitos do grupo. Essas conversas também envolvem temas como valorização cultural e acesso a políticas públicas, reafirmando a identidade coletiva e o compromisso com a continuidade das lutas históricas. ■



■ Assembleia de autodefinição das comunidades quilombolas de Boa Vista e Alto dos Coelho.



CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

